

CÂMARA MUNICIPAL DE INDAIATUBA

Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

PROJETO DE LEI / 2018

“Denomina Padre Antônio Jannoni o logradouro público do Jardim Residencial Dona Lucilla, que especifica”.

NILSON ALCIDES GASPAR, Prefeito do Município de Indaiatuba, usando das atribuições que lhe são conferidas por Lei,

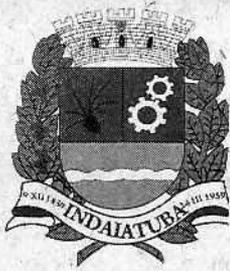
FAZ SABER, que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art. 1º - A atual Rua 13 (treze) do Jardim Residencial Dona Lucilla passa a denominar-se **Padre Antônio Jannoni**

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Plenário Joab Pucinelli, aos 28 de maio de 2018.

Vereador Eng. Alexandre Peres



CÂMARA MUNICIPAL DE INDAIATUBA

Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

JUSTIFICATIVA

1. O nome do homenageado **Padre Antônio Jannoni** foi enviado para análise da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, em conformidade ao disposto na alínea “c” do inciso II do artigo 2º da Lei Municipal no. 3.081 de 20 de dezembro de 1993.
2. As informações históricas sobre o homenageado (com cópias em anexo) foram enviadas (conforme cópia do **Ofício AP-213/2018**, em anexo) para análise dos Conselhos Consultivo e Conselho Administrativo da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba e que, conforme solicitado no inciso II do artigo 8º da lei Municipal nº 6035 de 25 de julho de 2012, na biografia do indicado constou “*relação de suas obras e ações meritórias e relevantes*” e que trata-se de “personalidade reconhecida por reputação ilibada e idoneidade moral” conforme o parágrafo único do artigo 3º da mesma Lei, **foi aprovado, conforme consta no Ofício 80/2018, emitido pela Fundação Pró-Memória de Indaiatuba** (em anexo).
3. O resumo da biografia do indicado é a seguinte:

Padre Antônio Jannoni nasceu em 1914 e faleceu em Piracicaba (SP), em um asilo, no dia 08 de setembro de 1990, com 76 anos, vítima de complicações com a diabetes. Ordenou-se padre em 15 de agosto de 1939. Residiu em Indaiatuba por 11 anos e meio, a começar em 1945, quando veio para Indaiatuba com as irmãs Lucia e Anita Jannoni. Deixou a paróquia em 22 de setembro de 1956. Foi seminarista em Valinhos, exerceu trabalhos em Cordeirópolis e em 1945 veio para Indaiatuba. Quando saiu de Indaiatuba, foi para Pirassununga. Foi dirigente ativo do Esporte Clube Primavera, tendo assumido o cargo de presidente entre 1946 e 1948 e membro dirigente do Asilo São



CÂMARA MUNICIPAL DE INDAIATUBA

Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

Vicente de Paulo (vide recorte de jornal em anexo). Após deixar a paróquia de Indaiatuba, ele voltou em 23 de junho de 1957, quando foi homenageado em uma Festa da Igreja Santo Antônio. Em complemento à esta biografia, vide os anexos.

Plenário Joab Pucinelli, aos 14 de maio de 2018.

Vereador Eng. Alexandre Peres



PROT-CMI 1190/2018
18/05/2018 12:25
PL 138/2018



Fundação Pró-Memória de Indaiatuba
Prefeitura Municipal de Indaiatuba

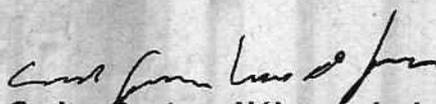
Ofício 80/2018

Indaiatuba, 16 de maio de 2018

**Ilmo. Sr.
Alexandre Peres
Vereador da Câmara Municipal de Indaiatuba**

A Comissão de Análise de Nomes para Denominação dos Próprios Municipais, da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, entendeu que a **Sr. Padre Antônio Jannoni**, personalidade de caráter ilibado e moral, **atendeu** os requisitos estabelecidos por esta Fundação para ser homenageada, conforme a solicitação através do ofício AP-213/2018.

Atenciosamente,


**Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus
Superintendente da Fundação
Pró-Memória de Indaiatuba**



Palácio Votura

GABINETE DO VEREADOR ENG. ALEXANDRE PERES

Rua Humaitá 1167 – Centro – PABX (19) 3885-7700

CEP. 13339-140 – Indaiatuba - SP

Indaiatuba, 08 de maio de 2018.

OFÍCIO Nº. AP-213-2018

Ilmo Sr.

Dr. Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus

Superintendente da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba

Nesta.

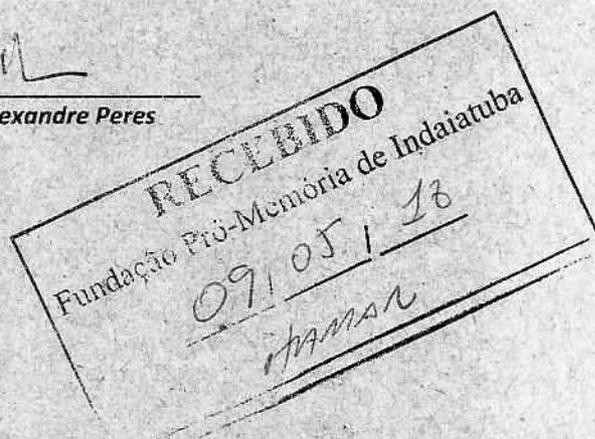
A par de respeitosamente cumprimentá-lo, remeto através deste, os documentos referentes ao **PADRE ANTÔNIO JANNONI** - para serem **analisados** pela Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, com o objetivo de executar uma homenagem póstuma, através de atribuição a nome de via, logradouro ou próprio municipal, em conformidade ao disposto na alínea "c" do inciso II do artigo 2o. da Lei Municipal no. 3.081 de 20 de dezembro de 1993.

Justifico que: (1) conforme solicitado no inciso II do artigo 8o. da Lei Municipal n. 6035 de 25 de julho de 2012, na biografia da indicada consta a "*relação de suas obras e ações meritórias e relevantes*" e (2) conforme o parágrafo único do artigo 3o. da mesma Lei, trata-se de "*personalidade reconhecida por reputação ilibada e idoneidade moral*".

Certo da justa homenagem, solicito especial atenção, ao mesmo tempo em que apresento minhas expressões de alta consideração e apreço ao Sr. e aos Conselheiros.

Atenciosamente,

Vereador Eng. Alexandre Peres





BANCO DE DADOS BIOGRÁFICOS

Questionário de Coleta de Dados

1. Nome: **Padre Antônio Jannoni**
2. Local de nascimento (cidade, estado ou similar/país): Nasceu em 1914.
3. Data e local de óbito (apenas no caso de homenagens póstumas, citar cidade, estado ou similar/país): Em Piracicaba (SP), em um asilo, no dia 08 de setembro de 1990, com 76 anos, vítima de complicações com a diabetes.
4. Nome dos pais: (não conhecidos/ não disponíveis nas fontes consultadas).
5. Profissão: Ordenou-se padre em 15 de agosto de 1939.
6. Período de residência em Indaiatuba: 11 anos e meio, a começar em 1945, quando veio para Indaiatuba com as irmãs Lucia e Anita Jannoni. Deixou a paróquia em 22 de setembro de 1956.
7. Escolaridade: Ordenou-se padre.
8. Estado Civil: Solteiro.
9. Nome do cônjuge: Não aplicável.
10. Nome dos Filhos (e netos, se aplicável): Não aplicável.
11. Atividades profissionais exercidas (incluindo locais, empresas ou órgãos onde as exerceu e em que se destacou): Foi seminarista em Valinhos, exerceu trabalhos em Cordeirópolis e em 1945 veio para Indaiatuba. Quando saiu de Indaiatuba, foi para Pirassununga.

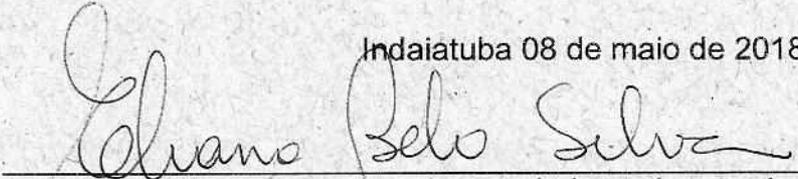


Fundação Pró-Memória de Indaiatuba

PROT-CMI 1190/2018
28/05/2018 - 12:25
PL 138/2018

12. Atividades associativas e de classe (pode ser clubes, organizações, grupos, sindicatos, entidades filantrópicas/beneficentes às quais pertenceu/frequentou): Foi dirigente ativo do Esporte Clube Primavera, tendo assumido o cargo de presidente entre 1946 e 1948 e membro dirigente do Asilo São Vicente de Paulo (vide recorte de jornal em anexo).
13. Atividades políticas (cargos políticos exercidos): Não aplicável.
14. Homenagens, honrarias, títulos, prêmios e similares: Após deixar a paróquia de Indaiatuba, ele voltou em 23 de junho de 1957, quando foi homenageado em uma Festa da Igreja Santo Antônio.
15. Participação na vida do município de Indaiatuba: (vide os anexos I até VIII), pesquisados em fontes escritas por memorialistas, jornalistas e historiadores.
16. Existência de arquivo pessoal a ser doado à Fundação Pró-Memória de Indaiatuba como fotos, CD's, DVD's, documentação escrita, vídeo, objetos e outros: As imagens em anexo já são do Arquivo Público Municipal "Nilson Cardoso de Carvalho".
17. Três declarações de pessoas que confirmem terem conhecido o interessado dando veracidade às respostas deste questionário ou, quando aplicável, as alegações complementares):
18. Responsável pelo preenchimento do questionário:
Nome completo: Eliana Belo Silva
Telefone: (19) 9 9214-46777

Indaiatuba 08 de maio de 2018


Assinatura do responsável

ANEXO I

Homenagem ao Padre Antônio Jannoni

Texto feito com base no artigo do Jornal Votura em 10 de outubro de 1990

O padre Antônio Jannoni nasceu em 1914, ordenou-se no dia 15 de agosto de 1939.

Foi seminarista em Valinhos, exerceu trabalhos em Cordeirópolis e em 1945 veio para Indaiatuba, onde residiu com as irmãs, Lúcia e Anita Jannoni, durante 10 anos.

Quando chegou a nossa cidade, com apenas 31 anos, trouxe novamente o povo para a Igreja, que se encontrava desarticulado devido à doença e posterior morte do Pe. Rizzo, que já não tinha mais condições de realizar grandes trabalhos.

Assim testemunhou Dona Joana Capovila Tanclér:

_ Conheci o Pe. Antônio em Valinhos, quando era seminarista. Ele costumava almoçar com a minha família e gostava de festas, era muito divertido.



Dona Elvira Fiori Zoppi fazia parte do coro da Igreja Matriz na época do Pe. e participava das suas missas, que eram realizadas todos os dias às seis horas da manhã. Segundo Dona Elvira:

_ O Pe. Antônio era muito alegre, gostava de dançar, tomar uma cerveja e era muito animado. Ele costumava almoçar em casa, era muito trabalhador e realizava grandes festas e quermesses. Juntamente com o meu marido e com o Hélio Milani foi diretor do Esporte Clube Primavera, pois gostava muito de futebol. Além disso, promovia procissões que eram muito concorridas e começou a frequentar as romarias, onde ia à cavalo, colocando ordem nas folias que aconteciam durante a caminhada. Tudo com ele era bonito. Era muito querido por todos e foi uma pessoa especial para nossa cidade.

Participava de tudo, resolvia os problemas das pessoas e a nossa igreja tinha mais vida.



Para a Profa. Maria Nazareth Pimentel , _ O Pe. Antônio foi um líder, deixando marcos. Quando aqui chegou, reformulou a Igreja com seu trabalho e entusiasmo. Era amigo de todos, descontraído e sempre ajudava as pessoas.

Uma senhora que trabalhou muito com o Pe. Jannoni foi a Profa. Yolanda Steffen , que diz: _ Ele costumava cumprimentar até os postes. Era muito popular, andava nas ruas acenando para todos. Uma vez, o Bispo D. Paulo de Tarso Campos fez uma crítica ao Pe. Antônio. Ele disse: ... padre, você pintou a igreja de azul claro, e azul é uma cor para coisas pequenas... O Pe. Antônio respondeu: Vossa Excelência me desculpe, mas Deus pintou o céu infinito de azul e isso não é uma coisa pequena...

Nos seus últimos dias, Pe. Antônio estava morando em Piracicaba, num asilo que pode ser considerado uma cidade geriátrica. Segundo a Profa. Maria Nazareth, ele estava como capelão do asilo, morava com sua irmã Lúcia e estava diabético.

Ele faleceu em 08 de setembro de 1990, com 76 anos de idade.

A esse grande líder da Igreja Católica, presta-se uma singela homenagem à sua memória:

Viva a Padroeira!

Viva Nossa Senhora da Candelária!

Viva ...

E Viva o Primavera!

Esses vivas ficaram na memória de cada indaiatubano presente ao final de uma procissão e nossa em homenagem à nossa Padroeira na época do Padre Antônio Jannoni.

Publicado em 13 de maio de 2015 no

<http://historiadeindaiatuba.blogspot.com.br/2015/05/homenagem-ao-padre-antonio-jannoni.html>,

consultado em 02/05/2018 às 17:04

ANEXO II

O dia em que Indaiatuba parou

Texto de Antônio da Cunha Penna

O dia em que Indaiatuba parou

Se um joelho avariado ceifou de vez as pretensões futebolísticas de Lauro, o fato não arrefeceu sua paixão pelo futebol, especialmente pelo Primavera. De estatura mediana, atarracado era dono de especial simpatia, nada disso o impediu de resolver algumas contendas na base do esforço físico, especialmente enquanto defensor da honra de seu time do coração. Uma delas ocorrida em Capivari é de saudosa lembrança (para quem ganhou e bateu, é claro).

Segundo nosso mais que primaverino, o primaverista Hélio Milani, *o Primavera no ano de 1949 disputava o Campeonato Regional Amador do Estado de São Paulo, ao lado dos E.C. 15 de Novembro, Monte Mor, Elias Fausto, Capivariano e Juventus de Capivari, R.C.A. de Rafard, Saltense e Guarani de Salto, Gazzola e Auto de Itu.*

Numa série disputadíssima, ficaram empatados nosso “Fantasma da Ituana” e Gazzola de Itu. Marcada a partida, foi sorteado o campo do Guarani saltense. O tira-teima, que terminou o primeiro tempo com o Primavera perdendo de 2 a 1, teria um surpreendente final com nosso glorioso esquadrão conquistando de virada um honroso 3 a 3. Hélio, dono de boa memória, assegura que o dia foi um domingo (2/10/1949).

A Federação marcou outro jogo três dias depois; cinco de outubro, quarta-feira às 15 horas. O cenário para o ansiado combate era cidade de Capivari, mais especificamente o campo do Capivariano.

Luís Teixeira de Camargo Jr. (Lita), então prefeito de nossa cidade, decretou ponto facultativo. O presidente da nossa principal agremiação era o dentista Adib Pedro, que numa união de forças arrebanhou de 30 a 40 caminhões repletos de fanáticos primaverinos, além de um trem acrescido de vagões extras com uma multidão de cerca de 3000 pessoas, salvo algum erro de cálculo. Nossa terra, que já era pacata, naquela inesquecível quarta-feira mais parecia uma cidade fantasma com todos os seus estabelecimentos comerciais e industriais fechados, ou melhor, quase todos: o Banco Mercantil abriu. Seu gerente, José Costa de Mesquita, não concordou com a mamata. Segundo Geiss, funcionário do banco na época, apenas um cliente entrou na agência naquele dia.

O Primavera entrou em campo para a espetacular contenda com os seguintes jogadores: Santo, Didi e Sanan, Didico, Valter e Wilson – Odoni, Bebê, Tuia, Gibi e Nego. O primeiro tempo terminou empatado, apesar do pênalti a nosso favor, batido por Tuia e defendido pelo lendário goleiro* “Mão-de-Onça”. Aos 17 minutos do segundo tempo, o relógio de Hélio Milani quebrou sob um violento murro de desabafo. O ponteiro parado no 17º tracinho assinalava o primeiro gol saído da chuteira do nosso pequeno grande Tuia e que daria o campeonato para o Primavera.

Num estádio entupido de exultantes indaiatubanos era natural que os ânimos se exaltassem, culminando com nosso pugilista de plantão, ex-craque e piloto de avião, Lauro, estranhando o palavreado indelicado de Chiquinho Gazzola, presidente do time derrotado. O esquentado Lauro deu-lhe um peteleco na orelha pra ele ver só o que era bom pra tosse. Claro que a partir daí foi um Deus nos acuda ou (conforme a indaiatubana expressão futebolística da época) um c. de boi na área do Saltense.

De volta à Indaiatuba, a frota de caminhões, ônibus e os três vagões de trem abarrotados foi saudada pelo resto da população que ficara. **Padre Antônio Jannoni**, que fora o presidente do Primavera até um ano antes, suspendeu a reza daquele início de noite e convocou os fiéis para descerem até a estação receber nossa comitiva. Ao som da Corporação Musical, o glorioso esquadrão subiu a 15 de Novembro. As comemorações viraram a noite, concentrando-se no bar do Olívio Dercoli, Bar Central, tradicional reduto de veteranos e admiradores do Primavera.

¹ Publicado no livro "Nos Tempos do Bar Rex" (2010)

ANEXO IV

Festas Religiosas da época do padre Jannoni

Texto de Glória Dinorah Quinteiro Belo e Anaida Quinteiro Peres Canovas

Padre Antônio Jannoni foi pároco da Igreja Matriz Nossa Senhora da Candelária de Indaiatuba por onze anos, entre 1945 e 1956.

Carismático como ninguém, soube arrebanhar os fiéis para frequentarem com disciplina e constância sua igreja.

Foi um líder muito dinâmico, alegre, sempre presente na comunidade; e essa sua personalidade marcou uma época na Matriz: aos poucos foi aumentando a quantidade de missas rezadas, ouvia a todos com muita atenção, ficou conhecido por reformar e manter o patrimônio e ainda por incentivar a construção de capelas como a do cemitério, a da Fazenda Cruz Alta, a do Mato Dentro, entre outras.

Naquela época, ir à missa era um evento importante: todos se arrumavam com presteza e só faltavam em último caso. A igreja não era só um local religioso, mas também social e político.

Por serem as missas rezadas em latim, língua que o povo de nada entendia, o que se mais gostava mesmo eram as festas religiosas. Em épocas festivas a fé e a criatividade afloravam mais ainda, e em massa, o povo correspondia ao chamado do Padre Jannoni para que participassem das comemorações.

No **dia da Padroeira Nossa Senhora da Candelária**, após as missas, eram realizados leilões de gado.

"Lembro-me perfeitamente do nosso leiloeiro oficial daquelas eras - escreve Rubens de Campos Penteado - , o Sr. Eduardo Ambiel, de saudosa memória, com seu linguajar característico: _ Quem dá mais! Dou-lhe uma, dou-lhe duas ... Mil reis! Mil reis! Mil reis!"

Os participantes ficavam ansiosos e até eufóricos aguardando para ver àquele que era o "ponto alto" desta festa: a magnitude da ornamentação do andor da Santa, que era levado em procissão pelas ruas da cidade. O povo acompanhava orando ou cantando com a banda.

A **Semana Santa** também era um acontecimento na cidade.

No Domingo de Ramos, todos com ramos nas mãos, acompanhavam a procissão. Os homens saíam da Igreja de São Benedito, carregando uma cruz. As mulheres saíam da matriz identificadas com diferentes fitas no pescoço, cada qual simbolizando uma irmandade: Filhas de Maria, Irmandade de Santo Antonio, Sagrado Coração de Jesus, Irmandade de São Benedito, entre outras.

O encontro acontecia na Praça Prudente de Moraes, onde Padre Jannoni realizava uma comovente celebração. Durante toda a semana tinha a vigília: a igreja permanecia aberta e não ficava um minuto sequer sem pessoas orando. Na quinta-feira havia a cerimônia do "Lava-Pés" onde, repetindo simbolicamente o gesto de Jesus, o padre lavava os pés dos elementos da congregação. Na sexta-feira às três horas da tarde, começavam as cerimônias comemorativas à data. A noite saía a "Procissão do Enterro". Era grande a multidão que acompanhava. As senhoras tinham a cabeça coberta por véu preto e as jovens, por véu branco. Todos carregavam uma vela acesa na mão. As janelas das casas por onde passava a procissão eram ornamentadas com toalhas rendadas, flores e imagens para homenagear o Senhor. Em cada "Estação da Via Sacra" parava-se e era feita uma referência e a "Verônica" toda vestida de preto, com o rosto coberto com véu, cantava com as mãos para cima aonde ia desenrolando uma toalha com a imagem de Jesus. O silêncio era total. As "verônicas" eram senhoras dotadas de belíssimas vozes; ocorrem-nos os nomes de: Luísa Fanger, Tereza Zoppi e Alba Tomazi.

No Sábado de Aleluia a igreja permanecia com suas portas fechadas, até que se anunciasse a ressurreição através dos sinos que ressoavam alegremente. O povo então se reunia na praça para assistir a "malhação de Judas", que era feita após alguém ter conseguido, após sucessivas tentativas, derrubar o boneco do "pau de sebo". Era festivo! A banda se fazia presente em todas as solenidades, tocando músicas que emocionavam a todos. Na madrugada de domingo era realizada a "Procissão de Encontro": Maria encontrava-se com Jesus ressuscitado. Era o encerramento, onde mais uma vez o povo comparecia em massa. No mês de maio, todas as noites, durante a reza, entrava-se em fila na igreja levando flores para oferecer à Maria, cantando em seu louvor: *"Vinde, vamos todos, com flores à porfia, com flores à Maria, que mãe nossa é..."* E ainda: *"Neste mês de alegria, tão lindo mês de flores, queremos com alegria, celebrar os louvores..."*

O altar ficava repleto de flores. Era lindo.

No **Mês do Rosário**, fazia-se uma procissão, com enormes rosários, feitos com jornal amassado e recobertos de papel crepom, que eram levados por meninas com vestidos de babados, também feitos de papel crepom nas cores branco, rosa e roxo que representando, cada cor, um dos mistérios, a saber: Mistérios Gozosos, Mistérios Dolorosos e Mistérios Gloriosos. Era uma festa diferente e mais uma vez levava toda a população à rua. Padre Jannoni percorria o grupo todo o tempo, organizando e vigiando a ordem das filas para que não houvesse conversas e "espaços" vazios. Todos eram tocados por uma grande fé.

Além das festas, as atividades de rotina também foram transformadas pelo Padre Antônio. Para atrair os pequeninos para a sua paróquia, celebrava a "Missa das Crianças". Ele teve a brilhante ideia de premiá-las, desde que comparecessem todos os domingos na missa. Após o término dessa cerimônia, eram distribuídos comprovantes da presença, com data. No final do ano, os cupons eram trocados por prêmios. A exposição de valorosos brindes dava-se uma semana antes, com grande visitação. Aos domingos, às 13 horas, tinha o

catecismo, onde eram distribuídos ingressos com desconto para a matinê do Cine Rex.

Após um grande período de permanência na paróquia, Padre Antônio se despede.

O povo chorou sua partida.

Ele é lembrado até hoje por aqueles que o conheceram, pois foi um sacerdote atuante, que cumpriu com louvor e sabedoria sua missão, correspondendo plenamente ao chamado de Jesus.



Padre Jannoni em Pirapora, na Romaria (foto de Alcides Gaspar cedida para o Arquivo Público da Fundação Pró_Memória através de Antonio Reginaldo Geiss (identificada como da década de 1940 e da década de 1950)

ANEXO V

(...)

Texto de Eliana Belo Silva¹

TEXTO I

Geiss relembra da rotina do Banco com entusiasmo.

Lembra-se de detalhes das operações que, se minuciosamente descritas dariam um tomo só delas. Emburra a face e apenas quando conta um episódio. Nem quando fala dos prejuízos que teve que arcar tem tanta mágoa no coração:

— Foi decisão do Mesquita. Ele deveria ter se comunicado com São Paulo. Mas não fez. Tenha dó. A cidade inteira parou. Todos os comércios fecharam, lojas, padaria, tudo. Todo mundo foi assistir, no meio da semana, uma quarta-feira à tarde, o jogo entre o Primavera e o E.C. Oficinas Gazzola, que atualmente é o C.A. Ituano. Em certa ocasião até o **Pe. Jannoni** cancelou missa por causa do Primavera!

¹ Publicado no livro “História de Indaiatuba na Perspectiva Biográfica de Antônio Reginaldo Geiss, Indaiatuba – Gráfica Vitória, 2018.

ANEXO VI

Padre Jannoni e a Casa Paroquial

Texto de Eliana Belo Silva¹

Outro caso em que Tio Chico envolveu-se foi do mobiliário da Casa Paroquial. Em 13 de abril de 1945, chegou em Indaiatuba um de seus mais queridos e polêmicos párocos, o Pe. Antônio Jannoni. Consta que foi empossado pelo vigário geral da diocese, que representou o bispo D. Paulo de Tarso, que não pode vir no evento, classificado por Nilson Cardoso de Carvalho como tendo sido *muito solene*. Tanto esse pesquisador, que escreveu o importante livro “A Paróquia Nossa Senhora da Candelária de Indaiatuba (1832-2000)”, como a maior parte da população, dizia ser o vigário um profissional dinâmico, diferente, participativo, popular, ativo, portador de uma alegria contagiante e outros adjetivos que obviamente lhe renderam a antipatia e até a rejeição dos quem eram conservadores demais. Teve até quem comemorou quando ele deixou a paróquia, benzendo-se em agradecimento pela volta do ortodoxismo ultraconservador.

O Pe. Jannoni nasceu em 1914 e ordenou-se no dia 15 de agosto de 1939. Foi seminarista em Valinhos, exerceu trabalhos em Cordeirópolis e quando veio para Indaiatuba - onde residiu com suas irmãs, Lúcia e Anita Jannoni - tinha 31 anos. O pároco Jannoni trouxe novamente o povo para a Igreja, que se encontrava desarticulado devido à doença e posterior morte do Pe. Vicente Rizzo, seu antecessor, que havia feito, sob autorização da Diocese no ano de 1942, a primeira romaria oficialmente organizada pela paróquia para Bom Jesus de Pirapora, com trinta cavaleiros. Quando chegou na paróquia, Pe. Jannoni fez um inventário de todos os bens da igreja e da casa paroquial. Deu por falta de alguns itens e logo tratou de fazer uma vaquinha entre os comerciantes locais, contando com a ajuda do Tio Chico Tanclér para incentivar as doações.

_ Tia Joaninha havia estudado com o Padre Jannoni na infância, em Valinhos, a família já era amiga dele, ajudou a sentir-se acolhido em Indaiatuba e, o que foi mais importante, a passar a lista para ajudar na vaquinha.

‘Eita’ família para gostar de fazer vaquinha, esses Tanclér. Foram muitas as subscrições e mais, tarde, como gosta de dizer Geiss, “campanhas financeiras” feita por eles.

A iniciativa deu certo: o padre angariou fundos e recebeu objetos e mantimentos, registrando todas as doações no Livro Tombo, juntamente com os nomes dos colaboradores. Em onze anos de gestão, Pe. Jannoni construiu nada menos do que sete capelas em nossa Indaiatuba: Santa Maria Goretti, a de Itaici, do bairro Mato Dentro, da fazenda Campo Bonito, da fazenda Cruz Alta, de Nossa Senhora Aparecida e a do Cemitério. Atualmente, esse crescimento foi apropriado por Igrejas Evangélicas neopentecostais. O vereador Hélio Ribeiro informou que são mais de 90 só no Jardim Morada do Sol.¹

O padre promoveu também uma reforma na Matriz Nossa Senhora da Candelária (que pena... a matriz teve tantas reformas que perdeu muito de suas características originais, inclusive depois que foi tombada). Em uma época sem televisão e internet, as festas religiosas atraíam muito a população. Eram procissões, missas campais em alusão ao Dia do Trabalho, ao dia 13 de Maio, a Padroeira da cidade, a São Benedito, a Santo Antônio e até uma festa de cultura popular: a Festa do Divino, que aconteceu no dia 15 de agosto de 1947, quando a Bandeira do Divino saiu às ruas com a autorização da Cúria Diocesana, Pe. Jannoni participou

¹ Informação verbal, em dezembro de 2015.

como cavaleiro, sendo também um romeiro assíduo em todas as romarias para Pirapora de sua época.

As quermesses eram atrações à parte. Quando Toninho era um menininho, já ouvia que a quermesse, mais especificamente a da Festa da Padroeira, já vinha de longa data... Costume antigo, ele ouvia.

Eduardo Ambiel era o leiloeiro oficial, era famoso e requisitado aqui e nas redondezas pela sua capacidade de comunicação e convencimento, 'mesmo quando tomava *umas e outras*', aponta Geiss. Os fiéis fazendeiros doavam as rezas e fazendeiros de outras bandas vinham para dar lances ousados, tudo revertido para a Igreja da padroeira Candelária e seu rebanho de ovelhas necessitadas. Barracas eram armadas, a do peixinho para pescaria, argola... tudo para pegar prendas, muitas delas oferecidas pelas lojas de Secos & Molhados, advindas de seus estoques empacados: vidrinhos de perfumes, bonecas de pano, bules de ágata, vasos de porcelanas com poeira e tudo. Mas havia também o sorteio na roleta, onde vez e outra, saía um frango assado. Hummmm, 'daí sim', avalia Geiss, escancarando sua memória olfativa e de paladar.

_ Uma vez compramos a série toda, pegamos o frango e fomos comer na sede da Companhia Telefônica, onde minha mãe trabalhava. Só assim para defender o frango de tantas 'serrinhas'.

Geiss lembra-se também de festas juninas que não eram públicas, organizadas nas casas de algumas famílias devotas de Santo Antonio casamenteiro, São João e São Pedro.

De festas religiosas públicas, recorda-se do pau de sebo, instalado na Semana Santa, no Sábado de Aleluia.

_ Sempre achei meio incoerente. Veja bem: Jesus morreu na sexta-feira, ressuscitou no terceiro dia que é no domingo, então porque é que sábado é o dia da Aleluia? Bem, mesmo não entendendo, todos os Sábados de Aleluia tinha um pau de sebo armado, inicialmente na praça Prudente de Moraes e depois no Largo da Igreja.

Exatamente ao meio-dia, a farra começava.

_ Fincavam o mastro untado com sebo (gordura animal) e na extremidade, amarravam um boneco estropiado representando Judas. A criança ficava ensandecida. Cada um tentava subir agarrado no mastro e descia lambuzado até o talo, ovacionado pelos outros competidores e pela plateia que ria a cada nova tentativa. Consecutivamente subiam e desciam, muitas vezes com a pele ralada e, além do sebo, com pó até nas ventas. O sortudo que alcançava Judas pegava a prenda: algumas notas ou moedas, guloseimas ou outras baboseiras como algum brinquedo barato. Mas essa não era a última parte. O Judas era jogado para a multidão ávida de vingança. Era chutado, escorraçado, espedaçado e finalmente queimado entre vaias de desprezo e risadas debochadas. E aos heróis, restava ir para casa tomar banho de bacia com água esquentada no fogão a lenha e sabão feito de cinzas de madeira.

_ Certo dia, Padre Jannoni promoveu um Congresso Eucarístico, semelhante à um que havia tido em São Paulo em 1954. Pois bem, esse dia foi a minha Segunda Comunhão oficial, pois como gosto de contar, fui o maior papa-hóstia das paróquias (fora da paróquia, convém lembrar). Minha mãe falou: vai lá Toninho. Eu fui. O que aconteceu? Cheguei por volta das quatro horas da tarde, fui ao confessionário, depois de confessar... tinha que comungar. A missa foi tarde da noite, não podia comer, nem beber; era necessário esperar em jejum o fim da tal missa para comungar. Reza *daqui*, reza *dali*, o-meu estômago roncando...

Toninho esperou a vez dele que foi "lá pra uma hora da manhã".

_ Eu me lembro que assim que recebi a comunhão, *virei nos pés*, eu disparei na rua, subi até a Praça Prudente de Moraes, vi o Bar Central aberto, entrei lá e pedi uma água, um refrigerante, um lanche “pelo amor de Deus”.

Tudo bem, passou.

Quando foi um dia depois, Padre Antônio, que frequentava muito a casa do meu tio, veio me abraçar:

_ “Ô Toninho, vi você lá, gostei de ver você comungando”. Eu não falei nada para ele, fiquei quieto, só de lembrar naquela comunhão meu estômago torceu - mas pensei: foi a última vez.

E foi mesmo. Eu não tive a terceira comunhão, nem a terceira missa (e dá risadas).

_ Ah! Teve uma história de uma procissão também. Era Dia de Nosso Senhor Jesus Cristo morto. A praça em frente da Matriz estava lotada, eu estava lá também. Esse crédito o Pe. Jannoni levará para sempre: atraiu um monte de gente para a igreja, até eu! Bom, estávamos todos lá, ele fez uma pregação, certa altura ele se altera e diz: “esses fiéis que só vem na procissão do enterro de Jesus, e ainda ficam pensando... ôôô missa demorada, enterra esse cara logo”! Eu até engoli seco, levei um susto, olhei para os lados, pensei... como é que ele pode ler meu pensamento? Vesti a carapuça, aquilo serviu para mim, eu só ia na procissão do Dia de Nosso Senhor Jesus Cristo morto, resolvi que nem nessa eu iria mais.

Não sou um ateu total. Todos os dias tento encontrar um sinal de Deus, mas infelizmente não encontro. Essa frase é de José Saramago.

O pároco Jannoni era amigo do Tio Chico Tanclér também por afinidade esportiva: o padre foi presidente do Esporte Clube Primavera. E no ano de 1949, no domingo em que teve o jogo final do Campeonato Regional Amador do Estado de São Paulo, entre o Primavera e o Gazzola de Itu, ele suspendeu a missa para receber o nosso time, que havia sido campeão. Não é à toa que Antônio da Cunha Penna narra esse episódio como “O dia em que Indaiatuba parou”.

Pe. Jannoni ficou 11 anos em Indaiatuba, indo embora em 1956. Faleceu em Piracicaba em setembro de 1990, com 76 anos, vítima de complicações da diabetes.

A paixão do padre pelo Primavera era tanta, que um dia, após a missa campal da Festa da Padroeira, em vez de gritar viva para Nossa Senhora da Candelária, ele gritou:

_ Viva o Primavera!

E a população respondeu:

_ Vivaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

ANEXO VIII

(...)

Texto de Nilson Cardoso de Carvalho

Padre Antônio Jannoni.

Provisionado a 13 de abril de 1945 foi pároco de Indaiatuba durante 11 anos e meio, tomou posse a 22 de abril de 1945 e deixou a paróquia a 22 de setembro de 1956.

“Depois da Posse que foi muito solene, comecei logo o Paroquiato zelando das almas e dos bens da Fábrica”.

escreveu o padre Jannoni. De fato a posse foi bastante solene com a presença do vigário geral da diocese que, representando o bispo D. Paulo de Tarso, empossou-o no cargo. Estava também presente o padre Agnelo Rossi, então diretor da imprensa diocesana e futuro cardeal.

Escreveu no livro 20 de batismos: “Nota: nomeado Paroco desta, começo a escrituração deste, que encontrei em dia. Padre A. Jannoni / Indaiatuba 22 de abril de 1945”.

O padre Jannoni imprimiu um dinamismo à paróquia, aumentando o número de missas aos domingos e fazendo reunião geral com todas as associações religiosas. Fez minucioso inventário de tudo que encontrou na igreja Matriz e na casa paroquial. Achando esta com falta de móveis, mobiliou-a com doações oferecidas pelos paroquianos, assim como guarneceu-a com objetos de cozinha e mantimentos doados pelos comerciantes. Registrou no livro Tombo os nomes dos colaboradores.

O padre França diz que o padre Jannoni revolucionou a cidade com seu ardor apostólico, sua alegria contagiante e seus empreendimentos e foi o responsável pela construção de sete capelas em Indaiatuba; as capelas de Santa Maria Goretti, a de Itaici, do bairro Mato Dentro, da fazenda Campo Bonito, da fazenda Cruz Alta, de Nossa Senhora Aparecida e a do Cemitério. Além da construção das capelas promoveu a reforma da Matriz.

Festas

Nada atraía mais a população do que as festas. As missas, embora constituíssem cerimonial vistoso e solene, eram oficiadas em latim, língua estranha ao povo, que preferia as procissões, onde comparecia em massa entoando cantos de melodia e letras simples adequadas ao seu entendimento. O andor com o santo orago da festa desfilando no meio da multidão dava um toque pomposo, acentuado pela presença do coro e da banda de música.

No 1º de maio de 1945 o padre Jannoni comemorou o dia do trabalho na fábrica Vila Nova, onde rezou uma missa campal para grande número de operários e autoridades com a participação da banda de música. O 13 de maio foi comemorado na capela de Santa Cruz com a festa de São Benedito, que começou no dia 3. Houve missas na capela, tomada de opa para dez novos irmãos e procissão. A festa rendeu 4 mil cruzeiros para a irmandade de São Benedito.

A festa da padroeira foi comemorada todos os anos, com mais ou menos pompa, dependendo sobretudo do tempo, porque sendo fevereiro época de chuvas nem sempre foi possível cumprir todo o programa, ficando em alguns anos prejudicadas a procissão e a quermesse. Coadjuvando o padre Jannoni em alguns anos estiveram presentes padres de outras paróquias como o cônego Benedito Marcos de Freitas de São Paulo; Mons. Luiz Gonzaga Rizzo, vigário geral de Santos, cônego José Nardim, Dom Ildefonso Stehle, vigário de Helvetia, padre Cyriaco S. Pires, pároco de Monte mor, Mons. Lisboa, padre Geraldo Azevedo, Luiz Fortunato, padre José B. Carretta etc.

A festa de São Benedito, comemorada em maio com missas e procissão, foi realizada em 1951 com especial pompa, sendo sua procissão das mais concorridas da paróquia. Em 1952 comemorou-se o primeiro centenário da Irmandade, fundada ao tempo do vigário colado Antônio Casseiro da Costa Roris.



Foto: Arquivo APMI

Irmandade de São Benedito e Rua da Candelária.

As festas de Santo Antônio foram promovidas pela Pia União de Santo Antônio, associação fundada pelo padre Vicente Rizzo, sendo que a de 1945 rendeu quase 4 mil cruzeiros empregados em obras da casa paroquial e da Matriz e a renda da festa de 1947 foi destinada à distribuição de gêneros e cobertores aos pobres.

Festa do Divino: em 1947 houve uma festa do Divino com a permissão da Cúria Diocesana. Dia 15 de agosto saiu à rua a tradicional Bandeira do Divino

sob a responsabilidade do snr. Cristiano de Campos, sacristão da Igreja Matriz, pessoa da inteira confiança do Vigário, realizou plenamente seu trabalho da 'Bandeira' foi recebido em todas as residências com grande alegria e entusiasmo.

No ano seguinte, em agosto, realizou-se novamente a festa do Divino.

Além das festas anuais mencionadas houve outras como a de São José, de São Pedro e São Paulo, a de Nossa Senhora Aparecida e da Imaculada, promovida anualmente pela congregação Mariana e Pia União das Filhas de Maria em dezembro.

¹ Publicado no livro " A Paróquia Nossa Senhora da Candelária de Indaiatuba – 1832-2000". Editora Komedi, 2004.

Indaiatuba, 08 de maio de 2018.

Ilmo Sr.

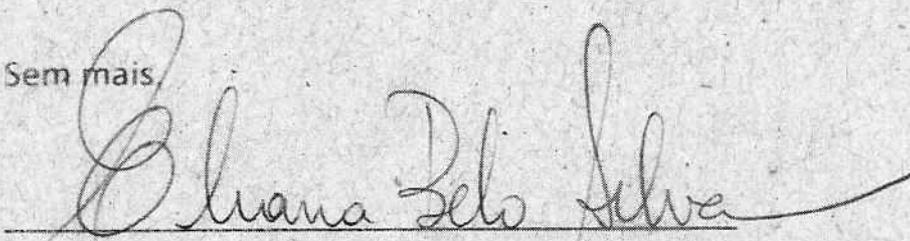
Dr. Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus

Superintendente da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba

Nesta,

Eu, **Eliana Belo Silva**, historiadora e pesquisadora sobre a História de Indaiatuba há mais de 35 anos, **DECLARO** que os anexos I, II, III, IV, V, VI, VII à esta declaração, foram por mim pesquisados, em alusão ao **PADRE PADRE ANTONIO JANNONI**, com a finalidade de compor o Ofício 213/2018 emitido pelo gabinete do vereador *Alexandre Carlos Peres* em 08 de maio de 2018, para compor Projeto de Lei conforme descrição no documento citado.

Sem mais,



Eliana Belo Silva

Telefone (19) 9 9214 4677

Vereador Alexandre Peres

De: Sandra - Engenharia <engenharia.cadastro02@indaiatuba.sp.gov.br>
Enviado em: segunda-feira, 28 de maio de 2018 10:44
Para: Vereador Alexandre Peres
Assunto: Re: Nome de rua - Condomínio

Bom dia!

Rua Treze do Jardim Residencial Dona Lucilla.

Att.

--

Sandra Regina Ap. Sant'Ana Lemes

Dept. de Cadastro Imobiliário

Secr. Mun. De Planej. Urbano e Engenharia

Fone : 3834-9165

E- mail : engenharia.cadastro02@indaiatuba.sp.gov.br

Em 25/05/2018 15:54, Vereador Alexandre Peres escreveu:

Boa tarde Sandra, tudo bem?

Por gentileza, há alguma rua legal em algum condomínio fechado que esteja sem nome ou sem reserva?

Tenho um nome aprovado pela Fundação Pró-Memória, de um padre muito querido pela comunidade católica, que foi pároco aqui no final da década de 1940 e início da de 1950. Ele inovou as festas populares, foi presidente do Primavera, era proprietário de um cinema, ia nas romarias e inaugurou muitas capelinhas que até hoje são ativas em Indaiatuba. Trata-se do Padre Antônio Jannoni.

Pode me liberar uma, bem legal?

Agradeço.

Eliana Belo Silva

Vereador Eng. Alexandre Peres
Câmara Municipal de Indaiatuba

e-mail – alexandreperes@indaiatuba.sp.leg.br

telefone – 0800-7708-540

Gabinete em fase de implantação da ISO 9001:2015

Compromisso participativo da viabilização da AGENDA 2030 da ONU